

# **História da Filosofia**

## **73 Empirismo do Século XIX**

### **Por Dr. Arthur Holmes do Wheaton College**

da nossa jornada conjunta deste ano pela história da filosofia ocidental. Mais especificamente, quatro semanas dedicadas a cerca de 200 anos de empirismo, o empirismo dos séculos XIX e XX. E para contextualizar, voltemos a este diagrama, com o qual vocês já estão familiarizados, que mostra a interseção entre o empirismo moderno e o racionalismo do Iluminismo, na síntese realizada por Immanuel Kant, da qual surgiu uma distinção entre duas metodologias que persiste na filosofia até hoje.

O racionalismo do Iluminismo se concentrou principalmente no continente europeu, com Descartes, Spinoza e Leibniz. E, como vimos em Hegel, surgiu a tradição existencialista, em certa medida, com figuras como Whitehead. O resultado é um método fenomenológico que busca observar a realidade através das lentes da autoconsciência humana.

Ora, o método fenomenológico continua hoje, como vimos na semana passada, a dominar o pensamento europeu, o pensamento da Europa Ocidental no continente. Por outro lado, a tradição empirista, de Locke, Berkeley e Hume, está principalmente na Grã-Bretanha e continuou no século XIX com as três pessoas que vamos analisar: Auguste de Kant, John Stuart Mill e Ernst Mach. E o maior deles é Ernst Mach.

Não, retire o que disse. O maior deles é John Stuart Mill. Aliás, o último deles, Ernst Mach.

É preciso dar destaque a John Stuart Mill. Mas essa abordagem empirista contínua levou a uma ênfase na universalização do método científico para todos os tipos de conhecimento humano. Ora, enquanto que, naquela época, a maneira de ver o mundo, a lente através da qual tudo era visto para a tradição europeia, era o espírito humano com sua liberdade criativa.

E acho que essa é uma generalização justa, seja você falando de Hegel, de Sartre ou de Dewey, entende? Por outro lado, a lente através da qual os empiristas do século XIX enxergavam tudo era simplesmente a lente da natureza vista pelo método científico. E assim, os caminhos se separam.

Até os dias de hoje, ao longo do século XX, pode-se afirmar que a filosofia dominante no continente europeu é a fenomenologia. Já na filosofia de língua inglesa, a filosofia dominante é o empirismo. E embora talvez não tão imperialista em relação à metodologia científica quanto na época de Mill, no início do século XX, ainda persiste a forte ideia de que critérios científicos devem ser utilizados para avaliar todo o conhecimento humano.

Então, essa é a distinção. Obviamente, existem tentativas de estabelecer comparações entre os dois, de construir pontes. Talvez eu já tenha mencionado que houve, no final da década de 1940, uma conferência conjunta entre filósofos ingleses e franceses.

Os trabalhos foram publicados em um volume chamado *La Philosophie Analytique*, Filosofia Analítica. E, ao lê-lo, percebe-se que, embora os franceses escrevam em inglês, o que é útil para muitos de nós, e os ingleses escrevam em francês, eles se cruzam como navios na noite. Porque estão lidando com coisas diferentes.

Ou, há uns cinco anos, estive numa conferência em Toronto, onde havia filósofos europeus, mais holandeses do que franceses, e anglo-americanos, discutindo o conceito de racionalidade. A mesma experiência. Passando-se como navios na noite.

Simplesmente porque a metodologia é diferente e os tipos de expectativas também. Isso não quer dizer que não existam filósofos de orientação analítica no pensamento europeu. Existem, sim.

Ou que não existam pensadores fenomenológicos no pensamento americano, digamos assim. Existem, sim. Esses grandes departamentos tentam ter pelo menos um representante.

Temos um. Roberts. Só que ele meio que se desviou para o pensamento analítico.

Graças ao seu trabalho sobre Wittgenstein, bem como sobre Kierkegaard e Bultmann. Portanto, a situação está aí. Agora, o que quero fazer hoje é caracterizar o empirismo do século XIX, e talvez tenhamos que continuar com isso na segunda-feira, quando entraremos no século XX.

Na próxima segunda-feira, avançaremos para o início do século XX com figuras como Bertrand Russell, John Stuart Mill, George Ernest Moore e G.E. Moore. Mas, para a caracterização do século XIX, observe estas três ênfases: a extensão da objetividade iluminista para o método hipotético-dedutivo, talvez para tornar isso um pouco mais claro.

Ou seja, uma metodologia aplicável à ciência no espírito da objetividade iluminista. Rejeitando o tipo kantiano de revolução copernicana. Agora, o que quero dizer com um método hipotético-dedutivo, essa expressão? Você verá que ela se tornará cada vez mais familiar.

Mas o pensamento iluminista anterior, nesses empiristas do século XVIII, tinha, naturalmente, premissas que eram generalizações empíricas e, a partir delas, inferências dedutivas. E se estivermos falando dos racionalistas continentais, como

Descartes e Spinoza, então o que temos é uma espécie de premissa intuitiva, autoevidente, inata, a priori, e um método dedutivo. Em outras palavras, a metodologia do pensamento iluminista partia de premissas, passava pela dedução e chegava a uma conclusão lógica.

Premissas a priori ou empíricas. As ideias inatas do século XIX e outras semelhantes são questionáveis. Generalizações empíricas são extremamente difíceis de verificar.

Você pode falsificá-las, mas verificá-las empiricamente é bastante difícil, e você se depara com o problema da indução. Portanto, em vez de generalizações empíricas ou premissas a priori, a ênfase recai sobre uma hipótese como premissa. Assim, a partir de uma hipótese empírica, se isso for verdade, o que se segue? Hipotético-dedutivo.

Portanto, uma hipótese para a premissa que leva a métodos dedutivos. Ora, isso está muito mais de acordo com o método científico propriamente dito. Lembre-se, uma das críticas a Francis Bacon e seus métodos indutivos era que ele não dava espaço para o uso de hipóteses.

Métodos experimentais, mas sem hipóteses. Bem, aqui vemos uma abordagem mais madura, do século XIX, e o método dedutivo hipotético. Isso se torna a compreensão do método científico em John Stuart Mill, em Ernst Mach, em Bertrand Russell e no positivismo lógico do século XX.

Na verdade, a verdadeira solução só veio com o livro de Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, quando se reconheceu que a ciência trabalha mais com paradigmas do que com hipóteses. Certo? Então, lembre-se disso. Agora, a segunda característica.

A extensão desse método, o hipotético dedutivo, às ciências humanas. Anteriormente, a tendência era pensar na ciência simplesmente como algo que lidava com física e astronomia. Foi aí que tudo começou.

A química entrou em cena. A biologia, gradualmente. Mas o mais significativo no século XIX foi a extensão desses métodos às ciências humanas.

Ou seja, à psicologia, à sociologia, à política. A tentativa também de aplicá-la à ética, para que a ética pudesse se tornar uma ciência empírica. Era precisamente isso que John Stuart Mill buscava em seu utilitarismo.

Ele queria ter uma ética científica empírica. Assim, a extensão desse método científico ao conhecimento humano, às ciências naturais e às ciências sociais, ficou conhecida em alguns círculos como cientificismo. Cientificismo.

Que a ciência, e somente a ciência, produz conhecimento confiável. Cientificismo . E, claro, nossos amigos continentais , entretanto, teriam um ataque de nervos com esse tipo de coisa.

E quanto ao espírito humano? E quanto ao método fenomenológico e assim por diante? Aliás, você poderia pensar na tentativa de Husserl de lidar com o que ele chamou de crise nas ciências à luz disso. Ele quer transformar a filosofia em uma ciência rigorosa, mas não com um método hipotético. Veja bem, com princípios a priori derivados do método fenomenológico.

Então, essas coisas acontecem, mas há uma consequência. E a consequência dessa extensão do método científico a uma escala global é o desenvolvimento do fenomenalismo, do antirrealismo e da antimetafísica. Sim, fenomenalismo, tudo o que sabemos são fenômenos.

As coisas como nos aparecem. O que hoje chamamos de antirrealismo. Não conhecemos a realidade última tal como ela é em si mesma .

E a forma como isso se manifesta, particularmente no século XIX, é uma rejeição da metafísica. E acho que isso é especialmente significativo no século XIX porque a natureza da metafísica, veja bem, era vista em termos da distinção entre fenômenos e nômens. Vista, por assim dizer, à luz da teoria representacional do conhecimento, que deixou muitas questões sem resposta sobre a realidade que supostamente representava.

É notável que autores como Bradley, cujas obras sobre metafísica têm títulos como Aparência e Realidade. Esse era o título da obra de Bradley: Aparência e Realidade. Essencialmente, o que o movimento positivista faz é afirmar que tudo o que conhecemos são as aparências , descartando a realidade.

Observe isso ao ler John Stuart Mill. Se você estiver interessado na questão da mente e do corpo, o que é a mente? Segundo Mill, a mente é simplesmente a possibilidade permanente de reflexões, ideias de reflexão. Ora, a mente não é uma coisa.

Não sabemos nada sobre a sua realidade. O que queremos dizer com a palavra mente é, bem, aquilo que presumivelmente está envolvido com a experiência futura, a possibilidade permanente de reflexão. Bem, qual é o problema? A possibilidade permanente de sensações.

Você diz: "Não é isso que importa, é isso que importa". Bem, fenômenos, é isso que importa para nós. Assim, uma visão fenomenalista completa se desenvolve em Comte, Mill e Mark.

Bertrand Russell, sim e não, dependendo da década da carreira de Bertrand Russell que você estiver lendo. Ele reservava para o indivíduo o direito de mudar de ideia e, por vezes, o fazia com bastante sucesso. Então, essa é a caracterização.

Então, como isso se manifesta nesses indivíduos? Bem, em primeiro lugar, Auguste Comte, um francês, morreu em 1857. Há um capítulo sobre Comte em Stumpf e algumas seleções na antologia de Gardner. Você verá que é fácil encontrar e ler textos de Comte.

Preste atenção em duas coisas. Uma é a sua lei das três etapas. A outra é a sua afirmação sobre a unidade da ciência.

A lei dos três estágios é a formulação dele de uma generalização empírica sobre a história da ciência. Ele é um empirista e está interessado na história da ciência. Portanto, ele vai apresentar uma generalização empírica sobre a história da ciência.

Ou seja, a ciência evolui em três estágios. De um estágio religioso, para um estágio especulativo, até um estágio científico. Ora, o estágio religioso, naturalmente, produz a teologia, a mitologia e assim por diante.

Ficções, ficções imaginativas, como o Rito Divino dos Reis, pelo qual Carlos I perdeu a cabeça, você se lembra. Ou fetiches no animismo primitivo. Noções de providência divina.

Esta é a infância imaginativa da mente humana. O segundo estágio é o especulativo. Lida com ideias abstratas, construções, construções metafísicas, como teorias de universais e essências.

Ética e jurisprudência do direito natural. Teorias dos direitos naturais. Ideais democráticos, como o de que todos os homens nascem iguais, dificilmente são generalizações empíricas.

Noções de teleologia, alquimia, astrologia e causas finais. Veja bem, todas essas envolvem teorias especulativas sobre realidades ocultas. Essa é a adolescência da mente humana.

Mas a terceira etapa é empírica, científica, lidando com o que é positivamente conhecido, com o que podemos afirmar positivamente. Daí o termo positivismo. Aquilo que pode ser positivamente afirmado.

Certamente. Esta é a maturidade, a idade adulta da mente humana. E é aqui, na fase científica, que tentamos formular leis gerais abrangentes.

A lei de cobertura geral é uma generalização empírica que abrange todos os dados. Leis de cobertura geral . E é com base nessas leis gerais, nessas generalizações, que você pode fazer suas previsões.

E, portanto, desenvolver tecnologia para aproveitar os processos naturais. Assim, o estágio positivo é aquele para o qual as ciências estão evoluindo. Agora, ele tenta traçar a evolução das diversas ciências dessa maneira.

A religião evoluiu para o estágio metafísico. Muita teologia é simplesmente metafísica. A química, naturalmente, evoluiu do fetichismo primitivo, passando pela alquimia, até chegar à ciência, à ciência empírica.

Mas o que ele está particularmente ansioso para ver desenvolver é uma ciência da mudança social. Uma ciência da mudança social. Afinal, ele está vivendo na primeira metade do século XIX, na França.

E se você conhece a história francesa, sabe que foi uma época de convulsões. Então, queríamos uma ciência, uma ciência empírica, da mudança social. E este é o início do que hoje se tornou a sociologia.

Estudantes de ciências sociais, se vocês pesquisarem a história da sua área, verão que foi assim que tudo começou. Ah, houve outro homem, mais ou menos contemporâneo, um pouco mais velho que Auguste Comte, chamado Saint-Simon. Mas a sociologia surgiu como uma tentativa de ser completamente empírica.

E foi somente nos últimos anos, em uma ou duas décadas, que a sociologia começou a incorporar parte da tradição fenomenológica e a reconhecer a subjetividade e outros aspectos, influência de pessoas como Max Weber. Agora, a unidade da ciência é a segunda ênfase em Auguste Comte. Muito simples.

É a noção de que todas as ciências seguem essencialmente o mesmo método. Todas as ciências seguem essencialmente o mesmo método. Não há diferenciação entre o estudo da natureza e o estudo dos seres humanos.

O mesmo método prevalece para ambos, deveria. E essa tese da unidade das ciências é uma das coisas em Kant que persistiu até o século XX, a ênfase na unidade das ciências. É com isso que Dewey trabalha, tentando pegar o método científico desenvolvido na reconstrução e na filosofia e dizer que isso precisa ser aplicado à mudança social, à resolução de problemas sociais, à política, à educação e assim por diante.

Unidade das ciências. As diferenças entre as ciências são diferenças de complexidade. Nesse sentido, a sociologia, por exemplo, precisa se basear na psicologia.

A psicologia precisa se basear na biologia. A biologia precisa se basear na química. A química precisa se basear na física.

A física se baseia na matemática. Portanto, existe uma hierarquia entre as ciências em termos de complexidade. E é interessante notar que, historicamente, elas se desenvolveram nessa sequência, tornando-se cada vez mais complexas.

Bem, esse é o meu resumo de Auguste de Kant. Observe, se você tem a antologia de Gardner, você a trouxe? Eu deveria ter avisado. Observe na página 151 os comentários dele sobre Descartes.

Todo filósofo francês deve prestar contas à União Descartes. E aqui está a contribuição de Kant. Enquanto Descartes prestava ao mundo o glorioso serviço de instituir um sistema completo de filosofia positiva, sim, aquilo que vocês sabem com certeza, o reformador, com toda a sua ousada energia, foi incapaz de se elevar o suficiente acima de seu tempo para lhe conferir uma extensão lógica completa, compreendendo nela a parte da fisiologia que se relaciona aos fenômenos intelectuais e morais.

A parte da fisiologia que se relaciona com os fenômenos intelectuais e morais. Depois de ter instituído uma vasta hipótese mecânica sobre a teoria fundamental dos fenômenos mais simples e universais, ele estendeu o mesmo espírito filosófico às diferentes noções elementares, às relações do organismo animal. Mas, ao chegar às afeições e ao intelecto, parou abruptamente e constituiu a partir deles um estudo especial como acessório da filosofia metafísica -teológica.

Uma palavra como essa só pode ser algo ruim. À qual ele se esforçou, portanto, para dar uma nova vida, depois de ter trabalhado com muito mais sucesso para minar seus fundamentos científicos. E na página seguinte, 152, na parte inferior, o que ele busca, veja bem, é a teoria positiva das funções afetivas e intelectuais, que é esta.

Consiste no estudo experimental e racional dos fenômenos do sentido interior, das ideias de reflexão, próprias dos gânglios cerebrais, da fisiologia cerebral, à parte de todo o aparato externo imediato. Ele deveria ter tido uma ciência do cérebro. Portanto, o que ele busca é muito claro, e você percebe que, em virtude dessa extensão do método científico, ele está defendendo um naturalismo metodológico do tipo que encontramos em John Dewey.

Certo? O tipo de pensamento que encontramos em John Dewey. Acho que é por isso que um professor meu certa vez instituiu um seminário dizendo que, para ele, positivismo e pragmatismo são a mesma coisa, e ambos são becos sem saída. Entende ? Porque se limitam às restrições da ciência empírica.

Certo. Perguntas? Comentários? Acho que é muito simples, e você provavelmente vai entender imediatamente. Ok.

John Stuart Mill. Acho que é justo dizer que Mill é o mais empírico de todos os empiristas. Você quer dizer mais do que Locke e Hume? Sim.

Hume, como você pode ver, falava de dois tipos de conhecimento. Questões de fato e relações de ideias. Relações de ideias são verdades analíticas, predicados contidos no sujeito, como na matemática.

Mill defende que a matemática é uma ciência empírica. Três mais cinco é igual a oito é uma generalização empírica sobre todos os conjuntos de três e cinco. Portanto, as verdades analíticas são, na realidade, generalizações empíricas, ou, se preferir, hipóteses empíricas.

As leis do pensamento, a não contradição, a identidade,  $A$  é igual a  $A$  e não é não- $A$ , são generalizações empíricas sobre a maneira como pensamos e usamos a linguagem. Em outras palavras, o que Mill está fazendo é reduzir esses primeiros princípios a generalizações psicológicas. Generalizações, isto é, sobre como a mente pensa.

E era isso que Husserl queria dizer com psicologismo, que ele condenava. O psicologismo não fornece uma base adequada para a matemática, para a lógica, etc., você se lembra. Psicologismo.

Então, esse é o tipo de coisa contra a qual Husserl lutava, algo que previmos. Mas, com essa mudança, Mill rejeita todo o conhecimento intuitivo, todo o conhecimento inato, todas as verdades autoevidentes. Aliás, uma parte considerável de seus escritos sobre epistemologia foi composta em uma obra que criticava a filosofia de Sir William Hamilton, um dos realistas escoceses.

E você sabe, os realistas escoceses, na tradição de Thomas Reid, falavam de verdades autoevidentes. Verdades que naturalmente passamos a acreditar espontaneamente em virtude das propensões da mente humana inerentes à constituição humana, criada por Deus. E o que Mill está fazendo, no espírito do Iluminismo, é dizer que isso não é suficientemente certo, não é suficientemente positivo.

Essas verdades são simplesmente generalizações empíricas. Hipóteses empíricas, se preferir. Ora, dizer que generalizações e verdades autoevidentes são, na verdade, hipóteses, ajuda a compreender como Mill desenvolve o método dedutivo hipotético.

Mas isso também ajuda a perceber como ele pode ser um empirista e falar dos princípios sobre os quais a dedução funciona como sendo empíricos. Um silogismo, veja bem, não só precisa ter premissas, mas também precisa ter inferências válidas, conexões de acordo com as leis da lógica. Mas se as leis da lógica são generalizações empíricas e as premissas são generalizações empíricas, hipóteses, se preferir, então você tem, na verdade, um silogismo como uma manipulação do conhecimento empírico.

Simplesmente isso. O raciocínio indutivo, ele reconhece, pressupõe a uniformidade da natureza, o princípio da indução e a uniformidade da natureza. Mill já havia apontado isso.

Bem, segundo Mill, a uniformidade da natureza é simplesmente a nossa hipótese empírica mais abrangente. É uma generalização empírica extrapolada para tudo. Muito bem, essa é a hipótese.

Assim, trata-se de um procedimento totalmente empírico. Em sua obra sobre lógica, Mill escreveu muito sobre o assunto e refinou os métodos indutivos de Bacon. Você se lembra da sua tabela de presença, da tabela de ausência e assim por diante?

Ele refinou esses métodos, que na verdade são essencialmente os mesmos, mas com uma definição um pouco mais precisa para alcançar o tipo de conhecimento positivo que desejava. Então, é assim que ele aborda não só a ciência natural, mas também a ciência da natureza humana. Como eu estava dizendo agora há pouco, quando ele pergunta sobre a natureza da matéria, sua resposta é muito simples: matéria, esse termo, tem como significado, em sua referência empírica, simplesmente a possibilidade permanente da sensação.

De um ponto de vista empírico, a existência de corpos materiais significa que as sensações são possíveis. E, da mesma forma, a existência da mente significa a possibilidade permanente de reflexão. Bem, veja, ele está apenas se baseando nas ideias de John Locke, ideias simples de sensação, ideias simples de reflexão.

Mas, ao descartar a visão de Locke sobre a realidade da matéria como substância, o substrato, e ao descartar a visão de Locke sobre a realidade da mente ou alma como substância imaterial, a coisa que pensa, ele está se recusando a fazer metafísica, se recusando a especular. Observe que isso é muito próximo de David Hume, que chamou a mente simplesmente de um conjunto de percepções. Na verdade, acho que não é tão cético quanto David Hume.

Veja bem, quando Hume disse que tudo o que sabemos da mente é o conjunto de percepções, ele se referia às nossas percepções presentes, que incluem as memórias que consideramos do passado e as antecipações que consideramos do futuro. Mas, para Hume, a mente é simplesmente esse conjunto de percepções presentes. Além

dessa experiência presente, não temos conhecimento algum, nenhum conhecimento de fatos que estejam além da experiência presente, desse conjunto de percepções.

Locke, naturalmente, havia afirmado a continuidade pessoal, a identidade pessoal através da memória, do conhecimento do passado, algo que Hume considera não ser validado. Pode ser verdade. Não podemos provar.

Mill, porém, quando fala em possibilidade permanente, ele está se referindo à generalização empírica sobre a matéria ou a mente como hipóteses. Veja bem, se existe uma possibilidade permanente de sensação, se existe uma possibilidade permanente de reflexão, então é mais do que simplesmente o conjunto presente de percepções. É continuidade pessoal, pelo menos continuidade da consciência.

Então, ele se recusa a fazer metafísica. Você poderia explorar a relação entre isso e Jean-Paul Sartre. Nada de ego transcendental.

Cada nova percepção que assumo cria um novo eu para mim . Entende ? É como se ele estivesse dizendo que o eu é simplesmente uma possibilidade permanente de novas reflexões e novas experiências para mim. Então, o que temos é mais ou menos a mesma conclusão que Sartre alcançou no pensamento continental do século XX, na filosofia inglesa do século XIX.

Veja bem, a dissolução do eu. De fato. A dissolução do eu.

Bem, é por isso que a ética que Mill desenvolve, sua ética utilitarista, enfrenta um problema que lhe é frequentemente apontado. O princípio da utilidade, claro, diz que devemos maximizar o prazer e minimizar a dor para o maior número possível de pessoas. Ele afirma que devemos tratar as pessoas como uma coleção de experiências dolorosas e prazerosas.

Mas o que mais se pode fazer se você for Mill, se o eu for apenas a possibilidade permanente de experiências? Tudo o que você pode fazer eticamente é encarar o eu dessa forma e tentar maximizar as boas experiências. Não há fundamento no utilitarismo para o respeito pelas pessoas na tradição kantiana. Pelo simples motivo de que ele não tem uma concepção de pessoa além do mero conjunto de experiências.

Entende ? Justiça. Direitos humanos. Essas são palavras que damos a certas coisas úteis que produzem experiências positivas.

Assim, valorizamos a justiça por sua utilidade, não porque seja correta. Não existe direito prévio porque não existe o conceito de pessoas com direitos intrínsecos. É por isso que John Stuart Mill teve que desenvolver uma teoria utilitarista da punição, visto que anteriormente a punição era vista sob uma perspectiva retributivista.

Aliás, a punição retributiva não é vingança. Isso sim é um processo psicológico. Retribuição é simplesmente responsabilizar uma pessoa, responsabilizá-la e, por assim dizer, tentar manter o equilíbrio na sociedade em relação a algo que não lhe pertence.

É uma tentativa, nesse sentido, de alcançar um equilíbrio social. Bem, essa é uma noção para a qual Mill não teria fundamento, e por isso ele desenvolveu uma teoria utilitarista da punição, baseada nos princípios de moralidade e legislação de Jeremy Bentham, em que Bentham defendia a aplicação de punição para reformar o infrator, para dissuadi-lo, sem considerá-lo moralmente culpado no sentido clássico. E assim, até hoje, encontramos, na verdade, duas teorias da punição, ou pelo menos duas, em nossa sociedade.

Uma é a retributivista, a outra a utilitarista, por vezes combinações das duas. Uma teoria retributivista foi articulada por Kant e Tomás de Aquino, mas com uma teleologia envolvida. Há um propósito na punição.

Sim, um propósito redentor, espero que você veja. Mas em nossa sociedade, esses são os dois, e, em geral, nossas instituições penais parecem operar com base em uma teoria utilitarista da punição. Houve, há alguns anos, um movimento na Grã-Bretanha que, fundamentado em uma ética utilitarista, defendeu uma teoria terapêutica da punição.

Ou seja, não chamem isso de punição; chamem de terapia. A ideia é que o criminoso é emocionalmente perturbado, socialmente desajustado, e que o que ele precisa é de algum tipo de terapia psicológica. E isso causou bastante polêmica porque parecia minimizar ainda mais a responsabilidade individual.

Você talvez saiba que C.S. Lewis tem um artigo sobre isso na coletânea "Deus no Banco dos Réus", intitulado "A Teoria Humanitária da Punição", pois era assim que a obra era chamada, e seu argumento é que ela simplesmente desumaniza a pessoa. Não trata o indivíduo como alguém que fez algo, mas como uma engrenagem em uma máquina ambiental que não teve escolha. Portanto, a questão filosófica da liberdade e do determinismo torna-se muito aguda nesse contexto.

Bem, Mill aborda a questão da liberdade e do determinismo, da liberdade e da necessidade. E ele, sendo antimetafísico, tem que rejeitar o necessitarismo, que às vezes ele chama hoje em dia de determinismo rígido. Ou seja, existem causas suficientes para cada decisão e ação humana, de modo que nenhuma outra decisão ou ação poderia ter ocorrido.

Necessitarismo. As causas antecedentes são simultaneamente necessárias e suficientes. Ora, essa é uma visão de causalidade que um fenomenalista não conseguiu deter.

Isso implicaria que conhecemos o que Hume chamou de conexões necessárias, e ele concordava com Hume que não as conhecemos. Portanto, o que temos é uma rejeição do necessitarismo. Por outro lado, ele não está satisfeito com o libertarianismo, hoje geralmente chamado de indeterminismo.

A visão de que as escolhas humanas, a vontade humana, são livres e poderiam escolher de forma diferente da que escolhem. Ele não gosta disso. E não gosta por causa das constantes conjunções.

O termo de Hume refere-se às conjunções constantes que observamos entre motivo e ação, incluindo a vontade ativa. Ou seja, existem fatores psicológicos antecedentes que são necessários para a realização de qualquer ação. Portanto, parece haver uma conjunção constante entre esses fatores antecedentes e a ação.

Não podemos afirmar que isso seja necessário. Essa é uma teoria metafísica. Não sabemos disso.

O que ele propõe, portanto, é uma espécie de compatibilismo, como às vezes é chamado, ou determinismo moderado. Ele quer afirmar que, sim, nós tomamos decisões. Nós fazemos escolhas.

Nesse sentido, sim, à vontade, uma escolha que não é limitada por causas externas. Mas ele nega que essas escolhas sejam limitadas por, não, ele nega que não sejam devidas a causas internas. Bem, e isso, claro, essa visão aqui, esse determinismo brando, claramente alimenta sua ética utilitarista e assim por diante.

Porque, se respondemos a fatores causais que, segundo nossas hipóteses gerais, levam ao prazer ou à dor, então os fatores aos quais reagimos ao fazer escolhas influenciarão de acordo, e uma abordagem utilitarista é, portanto, a consequência. Muito bem. Sua ética utilitarista lida com isso de forma bastante adequada.

Ele desenvolve uma teoria da crença bastante semelhante à teoria da liberdade. Segundo essa teoria, as crenças não são tanto escolhidas livremente, mas sim produzidas psicologicamente. As raízes dessa teoria também estão em Hume.

Lembra-se da psicologia da crença de Hume? As conjunções constantes acostumam a mente a esperar certas coisas, ou a pensar que existe uma conexão necessária. Portanto, ele tem um tipo semelhante de psicologia da crença à de David Hill. Bem, essa é a imagem em Mill, e você pode ver, espero que com bastante clareza, o

método dedutivo hipotético estendido às ciências humanas, sim, ao falar sobre a mente, ao falar sobre liberdade e necessidade, ao falar sobre ética.

Entende ? Sim? Você precisa de suas hipóteses gerais como premissas se quiser prever as consequências de prazer e dor de uma determinada ação e tomar suas decisões utilitaristas. Então, a extensão disso para as ciências humanas é bem clara , e da mesma forma, ok, Mill? Não entendi muito bem, Esther. Sim.

Certo. Não confunda o uso que ele faz da palavra "possibilidade" com o de um aristotélico, onde o possível está em processo de se tornar real. Entende ? Tudo o que ele quer dizer com possibilidade permanente de sensações é que, quando falamos de uma cadeira, uma mesa, um marcador de tinta, um corpo humano, o que estamos dizendo é que pensamos que essas coisas são visíveis, tangíveis.

Entende ? Observe o final: visível, tangível, audível, palpável. Entende ? Ou seja, se existem coisas como corpos materiais, então, enquanto existirem, haverá a possibilidade de experiências sensoriais. Só isso.

Agora, se você, sabe, algum dia terá experiências sensoriais desse tipo específico , se eu algum dia verei Esther novamente, entende, isso é uma questão contingente. Mas dizer que Esther é real, que ela está viva, que tem existência corpórea, é dizer apenas que ela é um ser visível. Mas matéria no sentido do ocupante espacial newtoniano, isso é outra coisa.

Isso é algo que não podemos fazer. Agora, de forma semelhante, em relação à mente. Quando falo sobre a sua mente, quando você fala sobre a sua mente, você está, na verdade, dizendo que ter uma mente significa que você terá todos os tipos de estados de consciência sobre os quais poderá refletir.

Agora, se você vai conseguir ou não, depende de você ficar acordado tempo suficiente. Isso é algo incerto. Mas ter uma mente é ter a capacidade de refletir.

O que Descartes disse, uma coisa pensante? Ora, o que Mill faz é abandonar a ideia da coisa e manter apenas o pensamento. É isso mesmo: evitar a hipótese metafísica e ater-se à hipótese empírica. Pode parecer um pouco estranho, mas se você está tentando falar sobre seres humanos em termos puramente empíricos, como mais você faria isso? Bem, a única maneira de falar sobre seres humanos é em termos de dados sensoriais físicos e dados reflexivos.

A história corporal é contada em termos de dados sensoriais físicos, e a história mental interna é contada em termos de dados reflexivos. Essa é toda a informação empírica que temos sobre os seres humanos. Ficou claro? Ótimo.

Permitam-me acrescentar apenas um ou dois comentários sobre Ernst Mach. Ele faleceu em 1916, um físico austríaco, e ele é importante por duas coisas. Uma delas é o seu sensacionalismo, como costuma ser chamado.

Ele escreveu um livro chamado *A Análise das Sensações*, no qual afirma que podemos analisar cada objeto da experiência em suas qualidades sensoriais observáveis. Assim, ele busca fazer o mesmo que Mehl, descrever os objetos fenomênicos, os objetos da experiência, em termos apenas de dados sensoriais. E, nesse sentido, o mundo consiste, nosso mundo, nosso mundo científico, em nada além de sensações, qualidades sensoriais.

Nenhuma afirmação metafísica não empírica é aceitável na ciência. O segundo ponto importante sobre ele surge em um livro de sua autoria sobre a ciência da mecânica, onde ele insiste que uma teoria científica é simplesmente uma maneira econômica de descrever relações entre dados sensoriais. Agora, junte esses dois pontos e você terá, em primeiro lugar, que a ciência só pode falar sobre dados sensoriais.

Em segundo lugar, as teorias científicas, portanto, são apenas teorias relacionadas a dados sensoriais. Certo? Teorias relacionadas a dados sensoriais. As relações não são dadas; relações entre dados sensoriais.

Estruturamos os dados sensoriais de certas maneiras, de modo que os objetos sobre os quais a ciência fala sejam objetos ideais, objetos fenomênicos que estruturamos, em vez de objetos como eles são em si mesmos. Ora, essa visão da ciência, tanto de Ways quanto de Mills, é simplesmente a visão que ficou conhecida como instrumentalismo. As teorias científicas são meramente instrumentos para realizar coisas de natureza prática.

Em vez de fragmentos de conhecimento sobre qualquer tipo de realidade em si mesma, essa é a visão antirrealista clássica da ciência. Bem, essas são, então, as três características do empirismo do século XIX.

Lembrem-se disso, e voltaremos a esses pontos na segunda-feira, quando analisaremos Bertrand Russell. Certo? Vocês têm a leitura obrigatória desta semana. A leitura obrigatória da próxima semana também está marcada, mas adicionarei mais alguns trechos na segunda-feira.

Lembrem-se do que eu disse, que na quarta-feira teremos um visitante que falará com a turma. Então, nos vemos lá.